

# VIOLÊNCIA CONTRA AS ESCOLAS: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ESTÍMULO À CONVIVÊNCIA



laboratório  
inteligência  
de vida







A violência é hoje uma das principais preocupações das comunidades escolares. Ela é uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade. É o atentado direto contra a pessoa cujas vida, saúde e integridade física ou liberdade individual correm perigo a partir da ação de outros.

É importante destacar que o tema “violência nas escolas” abrange uma grande variedade de pontos de vista, percepções e modelos de análise, e é necessário continuar realizando estudos interdisciplinares e em diferentes países e regiões para comparar experiências nitidamente distintas e descobrir fatores comuns que propiciem uma compreensão mais abrangente do fenômeno.

Violência é, de longe, a palavra que queremos associar à educação e ao contexto escolar, mas ignorá-la é um risco muito maior quando vemos que, nos últimos anos, ela tem ocorrido com mais frequência no Brasil.

E a violência que estamos falando aqui **não é a agressividade prevista no desenvolvimento emocional e no comportamento adaptativo de crianças e adolescentes (que são, na maioria das vezes, atos impulsivos), mas, sim, das atitudes intencionais, organizadas e de maior escala.**

No Brasil, os registros deste tipo de violência começaram a partir dos anos 2000. Não que não houvesse violências escolares antes disso, mas se tratando de violência às escolas é no ano de 2002 que temos o primeiro registro de um ataque com vítima fatal, em Salvador. E o número só cresceu, conforme infográfico abaixo.

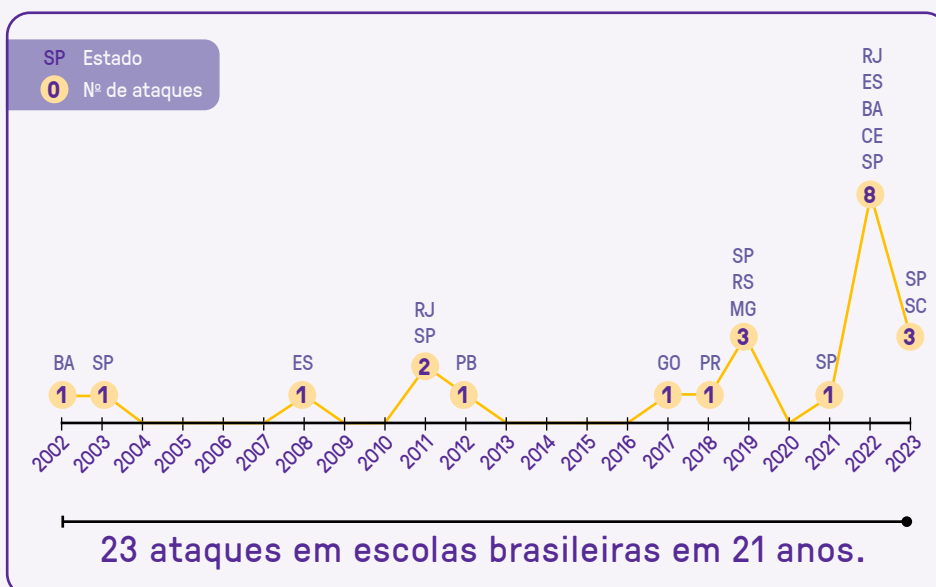
## ATAQUES DE VIOLÊNCIA EXTREMA EM ESCOLAS BRASILEIRAS

O estudo desconsidera casos não planejados, isto é, aqueles que ocorreram no momento de uma briga; cujo agressor é um adulto; e casos desordenados.

# 10-25

anos

faixa etária dos estudantes ou ex-estudantes que cometeram o crime



## CAUSAS

Quando algo de ruim nos acomete, nosso primeiro movimento tende a ser a busca pela raiz do problema para, assim, eliminá-la, não é mesmo? Ainda mais diante de tanta pressão e expectativa das famílias e da mídia.

Mas, tendo em vista a complexidade da questão, que envolve aspectos sociais, psicológicos e históricos, entre outros, não é possível definir uma única causa. Há um conjunto de **motivos** que, combinados, podem nos ajudar a compreender o que tem acontecido.

Quando dizemos que existem fatores sociais, precisamos lembrar que as escolas não estão isoladas do mundo e que o que acontece na sociedade vai reverberar também do lado de dentro dos muros da escola. Alguns desses fatores são:

- Tecnologia sem limites: a falta de regulamentação das mídias sociais e internet tornou mais fácil o consumo de fóruns da internet, sobretudo na *deep web*, que disseminam ideias e conteúdos violentos e de discurso de ódio.
- Disseminação de discursos de ódio: muitas vezes, disfarçados de “liberdade de opinião”, os discursos de ódio circulam com muito mais rapidez e sem censura, fomentando posturas de exclusão e extermínio de determinados grupos de pessoas. Os discursos de ódio acabam funcionando como uma espécie de empoderamento desses adolescentes contra figuras que representam os culpados pelo seu sofrimento.
- Acesso facilitado a armas de fogo: as pesquisas mostram que as armas utilizadas nos ataques eram das famílias dos jovens que cometeram o crime.
- Escassez de políticas de lazer, cultura e esportes: uma gama maior de possibilidades para os jovens e que ofereça para eles um lugar de identificação e interação social saudável além da escola é fundamental.
- Desvalorização e precarização dos espaços de educação.

Já os aspectos emocionais e comportamentais também dependem de um contexto e dos recursos presentes ou não para dar contorno e cuidado. Alguns deles são:

- Isolamento social: os estudantes estariam vivendo os efeitos pós-pandemia, resultado de meses convivendo fora das salas de aula e dependendo apenas da tecnologia para interações sociais e comprometendo as habilidades de interação social. Além disso, estariam vivendo uma precariedade de opções de cultura, esporte e lazer que ajudam na socialização.
- *Bullying*: o *bullying* pode ser uma condição que vulnerabiliza os jovens, além de fomentar uma possível raiva em relação ao espaço escolar;
- Exposição à violência na família, na escola e/ou na comunidade.
- Abuso de drogas ou álcool.
- Preconceitos baseados em raça, religião, etnia, condição física, aparência, classe social, orientação sexual, deficiência, gênero e outras características.
- Falta de acesso a processos de resolução de conflitos.
- Falta de supervisão e interação positiva de adultos que compartilhem a responsabilidade por educação e tratamento emocional adequados.

De maneira mais global, podemos dizer que hoje nossos modos de vida têm promovido **o isolamento, o individualismo, a competitividade e o medo**, que oferecem, como consequência, um comprometimento e um prejuízo na convivência saudável e com respeito, como veremos a seguir.

## CONSEQUÊNCIAS

As consequências são devastadoras para a comunidade escolar, mas elas atingem todo o tecido social. A escola precisa de segurança, não em um sentido de ostensividade, mas de sensação de segurança e acolhimento para ser um lugar de convívio, trocas e aprendizagem. Esses ataques não ferem só as vítimas, mas o que significa a escola enquanto esse lugar. Isso tem como consequência o aprofundamento da desumanização das relações, que é a também uma das causas do fenômeno da violência contra as escolas.

Nos sobreviventes, além das marcas físicas que atingem os que foram feridos, fica o trauma, o luto, e estes se estendem à comunidade. Ao longo prazo podem levar a situações de estresse pós-traumático, ansiedade, dificuldades em retornar às atividades e perda de interesse na escola. **Por este motivo, é preciso criar espaços de fala e escuta onde as emoções e os sentimentos possam ser elaborados em um espaço seguro. Estes suportes não devem ser direcionados apenas aos alunos, mas a toda a comunidade escolar.**



A ESCOLA PRECISA DE SEGURANÇA,  
NÃO EM UM SENTIDO DE  
OSTENSIVIDADE, MAS DE **SENSAÇÃO  
DE SEGURANÇA E ACOLHIMENTO  
PARA SER UM LUGAR DE CONVÍVIO,  
TROCAS E APRENDIZAGEM.**







Tendo em vista que não temos uma causa única para a violência e que muitas questões são de ordem social, a responsabilidade não pode e não deve recair sobre as escolas. Ao mesmo tempo, não podemos negar que é nas escolas em que os alunos passam a maior parte do seu tempo e que esse fato, por si só, é superpotente para pensarmos caminhos de cuidado que possamos:

- Aumentar a probabilidade de que crianças, adolescentes e jovens em sofrimento emocional ou sob estresse sejam identificados, acolhidos e encaminhados para tratamento especializado.
- Melhorar o ambiente de aprendizagem, reduzindo o comportamento intimidador, perturbador e desrespeitoso.
- Preparar as comunidades para responder não apenas a tiroteios nas escolas, mas também outras formas de violência e desastres naturais.

As escolas em todo o mundo se caracterizam pela diversidade que abrigam, portanto é impossível estabelecer um plano que funcione do mesmo modo e de forma padronizada em todas as escolas.

De qualquer forma, acreditamos que algumas condutas e estratégias podem ajudar cada comunidade escolar a se organizar em busca de caminhos que fomentem uma convivência potente e capaz de sair de divergências sem o uso da violência.

Essas condutas e estratégias, necessariamente, vão precisar englobar todos os atores da comunidade escolar: funcionários, alunos e famílias. Acreditamos que é no caminho de responsabilização coletiva que é possível a transformação. Até porque é mais fácil a gente se engajar em projetos e processos quando sabemos que somos responsáveis por eles, não é mesmo?

**De maneira mais ampla, esses são alguns combinados, posturas e caminhos que a escola pode adotar:**



Verificar notícias, fontes, eventuais boatos e denunciá-los: **o canal Escola Segura, do Ministério da Justiça** (<https://www.gov.br/mj/pt-br/escolasegura>), recebe denúncias anônimas e conta com instrumentos sofisticados para descobrir as fontes dessas mensagens.



Promover uma educação antirracista, incluindo também, em sala de aula, a discussão de temáticas como extremismos, direitos humanos e convivência entre as pessoas.



Promover uma educação digital, refletindo sobre os riscos de determinados espaços virtuais e o que fazer quando se deparar com discursos de ódio e *fake news*.



Promover uma educação socioemocional: o desenvolvimento de habilidades socioemocionais ajuda na compreensão e na escuta do outro, em olhar criticamente para o mundo, em fazer escolhas responsáveis e criativas.



Não envolver crianças e adolescentes nos processos de averiguação e de denúncia. Procurar distraí-las com outra atividade. Elas não têm maturidade emocional para lidar com boatos dessa natureza.



Não replicar nenhum tipo de conteúdo hipotético e causador de pânico na comunidade escolar.



Planejar com a equipe como conversar com estudantes sobre o que está acontecendo, o que têm ouvido e como se sentem.



Abordar também a importância de os alunos não “fazerem ameaças de brincadeira”, considerando o grave momento em que vivemos.



Reunir a equipe para pensar na construção de uma mensagem realista, mas acolhedora, para as famílias e estar à disposição para ouvi-las.



Promover atividades de escuta, nos quais possam ser compartilhados os sentimentos em relação aos ocorridos, de preferência sob orientação de um profissional de pedagogia ou psicologia.



Construir no cotidiano escolar um espaço de acolhimento e escuta empática dos conflitos vivenciados pelos estudantes de modo que todos sejam ouvidos e contemplados em seus desafios, angústias e enfrentamentos. Situações omitidas ou mal resolvidas no cotidiano podem gerar desdobramentos futuros.

## COMO FALAR COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES?

Crianças e adolescentes são seres sociais, sujeitos que estão iniciando aprendizados e descobertas em um mundo que já existia antes que eles nascessem. Para nós, adultos responsáveis por educá-los, protegê-los e acompanhá-los nesta jornada, pode ser um grande desafio não cairmos na romantização das infâncias e adolescências como tempos marcados unicamente pela alegria e pela leveza que imaginamos ser – ou desejávamos que fossem – inerentes a estas fases. Estamos todos – adultos e crianças – vulneráveis às intempéries sociais de nossos tempos, como a desinformação, o aumento crescente do discurso de ódio e o agravo da violência na sociedade, que também têm se apresentado em forma de eventos contra as escolas.

Diante dessa realidade, damos seguimento ao trabalho que já vínhamos fazendo e que se torna cada vez mais necessário: construir com crianças e adolescentes – para elas, por elas e por todos nós – um presente e um futuro comprometidos com a produção de relações mais saudáveis: da gente com a gente mesmo, com o outro, com o mundo. Tarefa tão desafiadora quanto imprescindível e possível.

Estamos diante da necessidade imediata de cuidar não só da segurança física de crianças e adolescentes, mas também da segurança emocional desse grupo de sujeitos. **É fundamental que possamos escutar seus sentimentos e emoções, acolhê-los e orientá-los.** Mas como é possível ter este cuidado de formas adequadas, sem fomentar alardes e causar maior sensação de insegurança e medo?

Antes de trazermos aqui alguns pontos que podem auxiliar na construção de estratégias de manejo diante deste questionamento, é necessário lembrar que não estamos falando de casos nos quais as crianças presenciaram e vivenciaram diretamente a violência explícita, mas de possibilidades contínuas de cuidado.

## DISPONIBILIDADE PARA CONVERSAR

Ter escuta ativa com crianças e adolescentes requer disponibilidade para ouvir as palavras e para além delas. Levar em consideração que emoções e sentimentos são expressos, especialmente por eles, de diversas formas que não só verbalmente, é um ponto importante a ser considerado no movimento de acolhimento.

A manifestação de medo, angústia ou ansiedade pode vir acompanhada de perguntas diretas e específicas sobre um acontecimento ou uma circulação de informação que chegaram até ele(a), mas este não é o único modo de expressão possível. Desenhos e brincadeiras expressivas sobre o tema, mudanças de comportamento como reclusão ou agressividade exacerbada, choros contínuos e sem motivo aparente na ocasião, resistência a ir à escola ou socializar com outras pessoas **podem ser** consequências da sensação de insegurança.

Não há uma norma de demonstração de sentimentos e emoções que sirva para todos os sujeitos, por isso é importante que os adultos responsáveis (famílias e educadores) estejam atentos e acompanhando cotidianamente tais crianças e adolescentes.

A escuta do adulto possibilita não só o acolhimento à criança, como também a ampliação do entendimento sobre o que está acontecendo. Respeitando, é claro, a linguagem adequada à cada faixa etária. A partir da manifestação do medo, é importante ajudar a nomeá-lo, legitimá-lo e assegurar que o cuidado dos adultos responsáveis, na escola e na família, se mostra algo incessante.

É necessário pontuar que abrir espaço de diálogo e acolhimento não é o mesmo que antecipar a abordagem desses temas sensíveis com as crianças ou inquiri-las. É importante nos colocarmos atentos às expressões de sentimentos e emoções, estarmos disponíveis para tratar dos assuntos levantados por ela e transmitir-lhes a segurança necessária.

## NÃO ESCONDER, MENTIR OU ABAFAR O TEMA

As crianças e os adolescentes são parte da sociedade e nela atuam e circulam. Por mais que queiramos preservá-los, as informações sobre as manifestações violentas podem chegar – e certamente chegarão – até eles. Além delas, também os abarca a teia de angústia, temor e insegurança que envolve os adultos diante do panorama social.

Logo, é fundamental entrarmos em contato com a ideia de que esconder, mentir ou abafar a temática pode gerar entendimentos deturpados ou ainda mais “fantasmagóricos”. Diante disso, o temor é exacerbado e a manutenção da segurança emocional é ferida, pois evita-se a palavra; a qual nos possibilita, em seu uso, a elaboração dos sentimentos e emoções, a autorregulação.

A abertura para conversar sobre o assunto, ao contrário do que parece, pode aliviar as tensões e dar contorno para o que chega ao conhecimento e ao sentimento das crianças e dos adolescentes.

## A ABORDAGEM DO ASSUNTO DEVE SER MARGEADA PELA PRÓPRIA DEMANDA DE CONHECIMENTO QUE A CRIANÇA TRAZ

É importante não antecipar informações: principalmente com crianças pequenas. Um caminho interessante é que o adulto pergunte **o que ela sabe e como ela ficou sabendo** a partir da demanda de conhecimento trazida. Escute suas dúvidas, questionamentos, impressões, fantasias e receios. A partir dessas respostas, a conversa pode se desenvolver de maneira mais tranquila para o adulto, para que possa balizar o grau de detalhes e profundidade no tema, respeitando a idade da criança com quem dialoga.

## ABRIR ESPAÇO PARA FALAR SOBRE SENTIMENTOS – OS DELAS E OS SEUS!

Perguntar como a criança e/ou adolescente estão se sentindo é fundamental. Reconhecer os sentimentos e validá-los é o primeiro passo para que essa angústia seja cuidada. Além disso, vulnerabilizar-se no contato com eles, falando de seus próprios sentimentos e emoções, contribui para a construção de recursos para lidar com situações difíceis. Ou seja, humanizar-se é um aprendizado que se constrói em contato com outro humano!

Para além das palavras (o que dizemos que podem ou não podem fazer, como devem ou não devem agir), serão as nossas próprias atitudes, nossa própria expressão emocional – enquanto adultos de referência para eles – que servirão como norteadoras das possibilidades de lidar com situações difíceis. Caso necessário, separe um tempo para se autorregular antes do diálogo com a criança. É importante cuidarmos de nossas emoções. Conversar sobre os sentimentos aproxima as pessoas!

## UM OLHAR ATENTO PARA OS ADOLESCENTES

O acolhimento e o diálogo com adolescentes e pré-adolescentes a respeito dos episódios de violência nas escolas requerem uma atenção especial. É importante que, ao ouvi-los e orientá-los, também cuidemos de não nos basearmos em generalizações acerca da faixa etária.

De um lado, por vezes, nos ancoramos na ideia de que os sujeitos possuem um entendimento amadurecido acerca da complexidade dos acontecimentos. Desse modo, não levamos em conta que, mesmo que possuam bases mais próximas dos adultos para tratar o tema –, em comparação às crianças pequenas –, os adolescentes e pré-adolescentes encontram-se em uma fase da vida demarcada por descobertas, incertezas e necessidade de pertencimento, o que requer nossa atenção.





Por outro lado, é primordial que nossa abordagem abarque a seriedade do assunto. É necessário trazer a conversa para um tom mais informativo e de orientação. Adolescentes também podem estar sujeitos ao distanciamento discursivo e/ou atitudinal da gravidade de fatos como os que temos visto acontecer ultimamente. A satirização ou a banalização dos discursos de ódio e violências em geral, quando incitadas em redes sociais, por exemplo, costumam ter pessoas dessa faixa etária como público-alvo.

A escuta ativa dos adultos em relação a tais jovens é grande aliada no caminho de compreender que tipos de informações ou encorajamentos estão os alcançando. É preciso estimular o pensamento crítico e a conscientização necessária e correspondente à autonomia que os adolescentes têm construído nessa fase da vida.





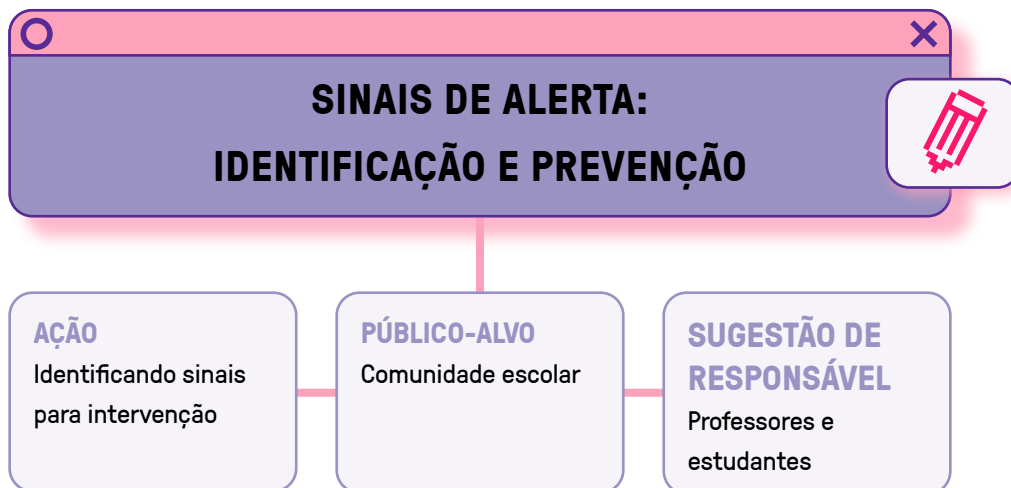
Refletir sobre o que estamos vivendo, o que nos fez chegar até aqui e também como podemos encaminhar esse tema entre nós adultos e com crianças e adolescentes é de extrema importância, mas a pergunta que sempre sucede essa reflexão inicial é: o que podemos fazer diante desse cenário?

Nesta etapa do documento, queremos propor alguns caminhos de intervenção que podem ser trilhados nos ambientes escolares. Essas ações podem ser realizadas tanto em uma perspectiva de prevenção, no sentido de fomentar uma cultura de convivência na escola, como também de posvenção, ou seja, quando a escola já passou por alguma situação que envolve essa temática ou onde isso está muito latente devido aos casos ocorridos, o que permite o acolhimento dos sentimentos da equipe escolar e dos alunos.

Para melhor entendimento e encaminhamento, trouxemos não só a sugestão da atividade em si, como do público-alvo e até de possíveis responsáveis por executá-las. Lembramos que essas atividades são sugestões e que cada escola pode e deve fazer conforme a sua estrutura e seu projeto político pedagógico. Separamos as nossas dicas LIV em quatro cenários distintos de atuação.

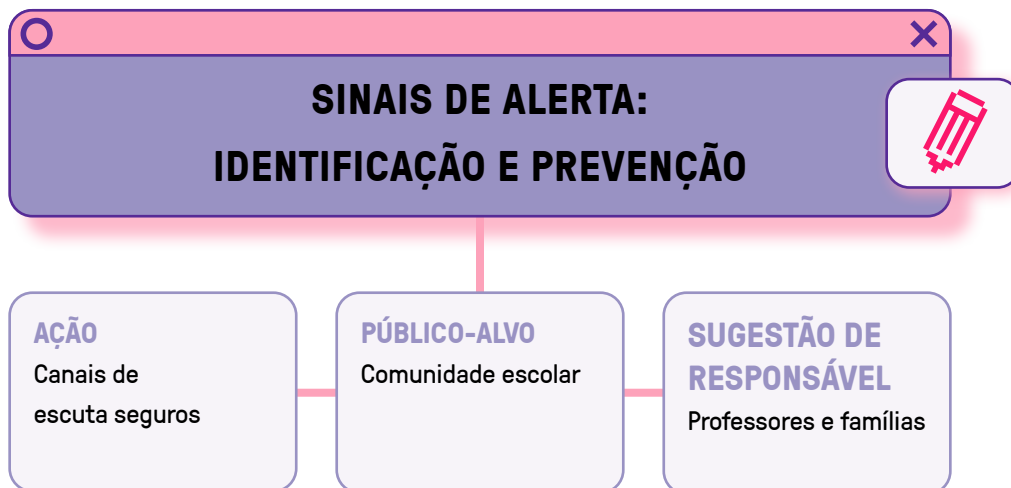
- Como agir para tentar identificar e precaver possíveis casos de violência?
- Como posso lidar com a minha comunidade escolar ao ocorrer um caso de violência na minha escola?
- Como posso acolher a minha comunidade escolar em momentos em que o tema da violência está em pauta na sociedade?
- Como eu construo uma cultura de convivência?

Nesse documento, procuramos não apenas refletir sobre a conjuntura desafiadora em que vivemos, mas também propor algumas atividades de acolhimento da comunidade escolar nesse período, tal como algumas propostas de ação vinculadas à criação de uma cultura de convivência que impactam a escola de maneira mais latitudinal. Gostaríamos de reforçar a importância do desenvolvimento de uma educação socioemocional de maneira intencional na escola. No LIV, oferecemos aos professores recursos para favorecer o desenvolvimento da inteligência emocional dos alunos, possibilitando que estes ganhem repertório para conversar sobre os seus sentimentos e para regular as suas ações, favorecendo a construção de relacionamentos cada vez mais empáticos e saudáveis. Além disso, nos preocupamos com o desenvolvimento de habilidades socioemocionais dos alunos, como pensamento crítico, comunicação e colaboração através de dinâmicas e projetos que valorizam a convivência e o respeito à diferença. Esperamos que possamos estar cada vez mais próximos e que o LIV possa ser esse amparo à escola na construção de uma cultura de olhar para si, o outro e o mundo.



Os professores e familiares, por estarem com os alunos de maneira recorrente, podem ser importantes atores na identificação de sinais de possíveis comportamentos violentos por parte dos alunos. Nesse sentido, é importante que eles estejam informados de sinais aos quais podem prestar atenção na ação dos alunos no dia a dia, como os elencados pela Porvir como:

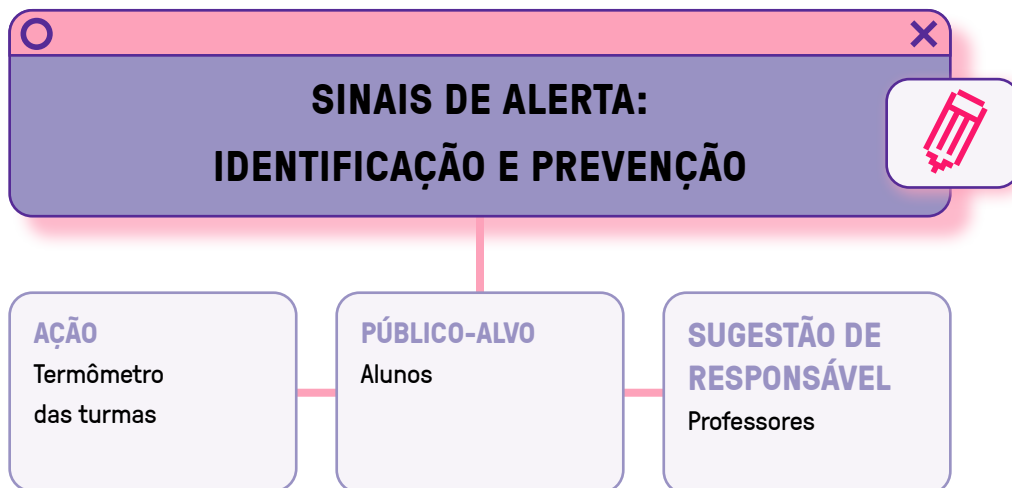
- ✦ **Questionamentos excessivos:** estudante sem este hábito que passa a perguntar sobre tudo e todos daquele ambiente, muito além da curiosidade.
- ✦ **Comportamento de ameaça:** estudante que fala direta ou indiretamente da intenção de matar/ cometer crime contra alguém ou do interesse em danificar estruturas.
- ✦ **Fascínio inapropriado:** estudante com paixão por ataques ou tiroteios e que idolatra outros agressores.
- ✦ **Vigilância prolongada:** estudante que se torna exageradamente interessado em monitorar, filmar ou fotografar algo ou alguém ou testar sistemas de segurança.
- ✦ **Vandalismo:** estudante que danifica ou destrói instalações e infraestrutura.
- ✦ **Busca exagerada por conhecimento específico:** estudante que passa a consumir repentinamente muitos artigos ou vídeos de armas, táticas militares, segurança de instalações e bombas.
- ✦ **Armazenamento incomum:** estudante que armazene armas, facas, canivetes ou qualquer material destrutivo.
- ✦ **Comportamento de ódio:** estudante que manifeste irritação contínua, falta de paciência extrema e muita raiva e que se associe a grupos de extrema-direita.
- ✦ **Afastamento e isolamento:** estudante que apresenta afastamento repentino e isolamento de amigos, familiares ou atividades escolares.



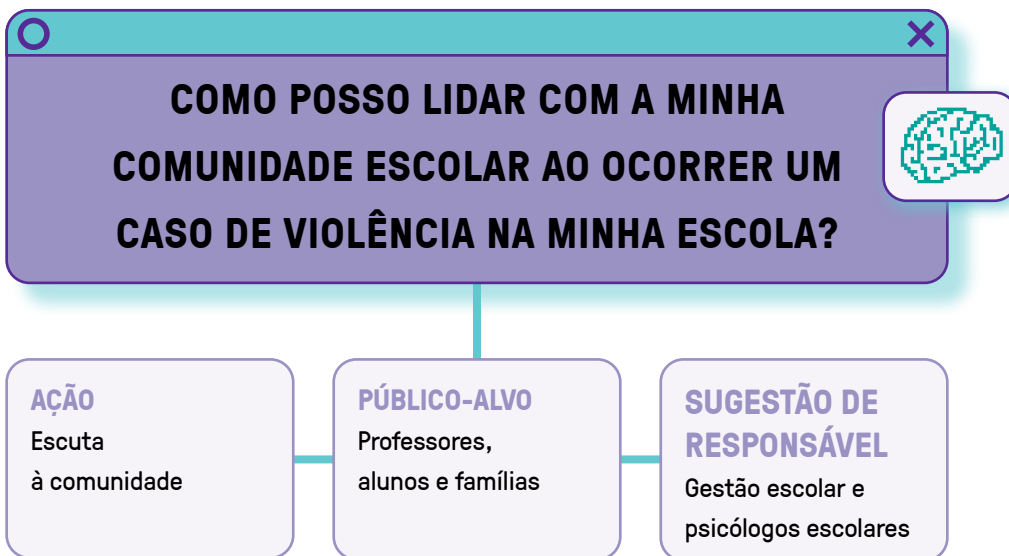
É importante que esteja evidente para os professores e para as famílias o canal oficial da escola de comunicação sobre os comportamentos identificados como indícios de violência em potencial. Mostra-se relevante que esse canal de comunicação seja seguro e direcionado à leitura apenas da gestão escolar que dará os encaminhamentos necessários dentro da escola.

Para além dessa comunicação com a escola, é importante que professores e famílias conheçam os canais de denúncia oficiais do estado, que variam conforme as regiões do Brasil.

Apesar da necessidade de ter um canal comum para possíveis denúncias, também é essencial a escola reforçar para que as famílias não usem canais como os grupos no WhatsApp para pontuar qualquer suspeita. Espaços coletivos podem ser muito perigosos porque tendem a aumentar o pânico e não ser resolutivos, justamente o contrário do que é necessário em casos de violência.



No contexto em que estamos vivendo, a parceria entre os professores e a coordenação é crucial. Como os professores possuem um contato regular com os alunos, podem reconhecer alterações no seu comportamento e podem ajudar a coordenação nas estratégias de ação que a escola precisa assumir para promover um ambiente escolar pautado em relações saudáveis. Nesse sentido, o professor pode mapear as emoções da turma e dar esse retorno semanal para a coordenação. Considerando o tamanho da escola, talvez seja interessante o uso de ferramentas digitais como o Google Formulários para poder compilar esse retorno dos professores e identificar quais turmas precisam de uma intervenção mais direta.

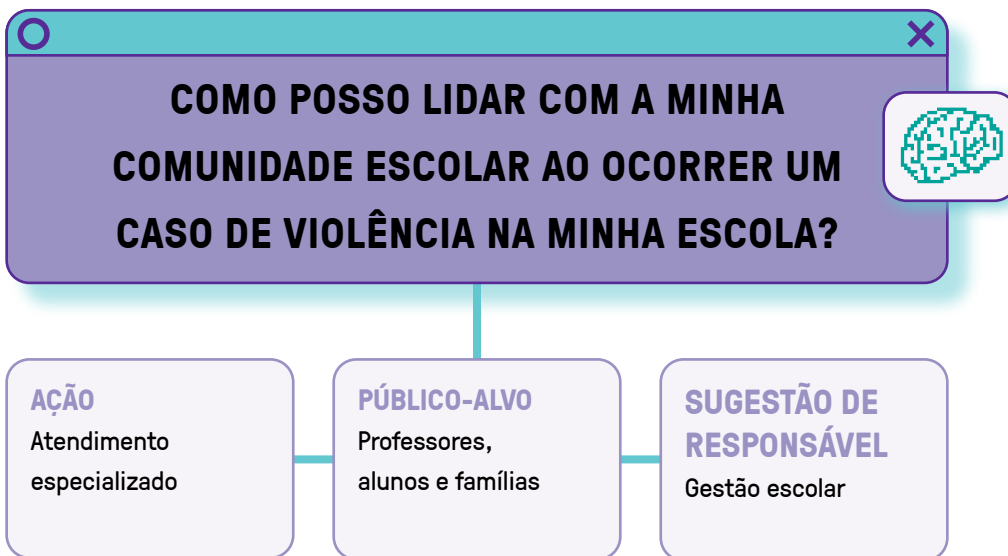


Entenda quem são as pessoas mais especializadas na escola para fazer uma escuta dessa comunidade. O ideal é que sejam profissionais da psicologia; senão, pense nas pessoas mais adequadas. Combine alguns horários por semana onde uma sala específica da escola estará aberta e reservada para que as pessoas busquem esse espaço para falar do que foi/tem sido difícil nesse tempo.

Divulgue esses horários para todas as pessoas da comunidade escolar, ou seja, funcionários, alunos e famílias. E oriente que eles sejam atendidos individualmente. É importante dizer que essa é uma primeira escuta e que não tem o propósito de virar um atendimento regular, mas, sim, de abrir uma oportunidade para algumas questões serem colocadas e, logicamente, encaminhadas para os profissionais certos, dependendo da sua relevância.

Compreenda a movimentação e expanda essa ação caso tenha sido bem recebida por todos.



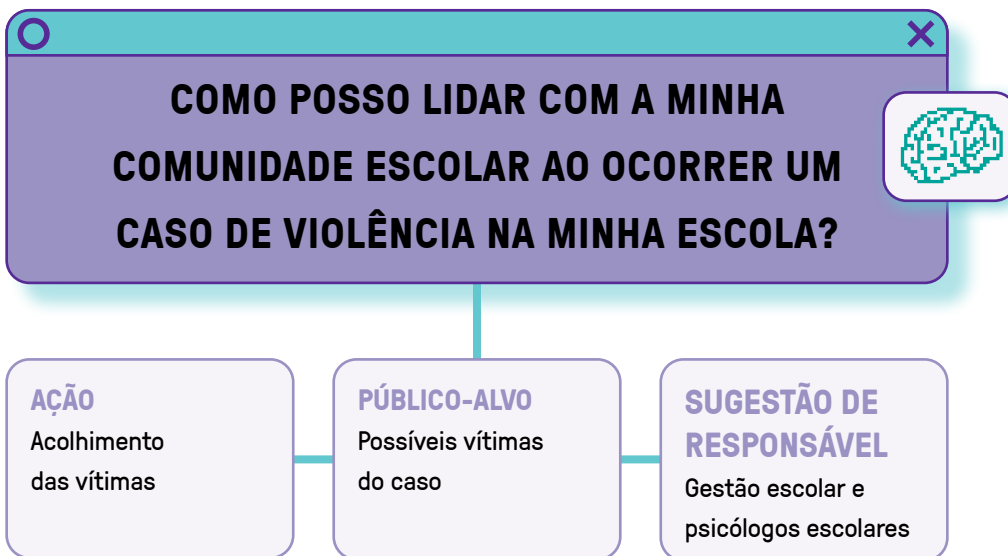


Para dar continuidade à primeira ação, seria interessante que a escola organizasse uma lista de lugares e profissionais que possam atender as pessoas da comunidade escolar.

Entendendo que a terapia é um potente espaço para qualquer indivíduo, mas que, especialmente depois de vivermos algo duro pode ser um lugar absolutamente essencial, é importante que a escola esteja preparada para fazer os devidos encaminhamentos.

Indicamos que nessa lista estejam incluídos profissionais e espaços privados (ou seja, particulares), mas que também haja indicações de lugares públicos ou com valores simbólicos para que ninguém deixe de ter a oportunidade de atendimento por questões financeiras.

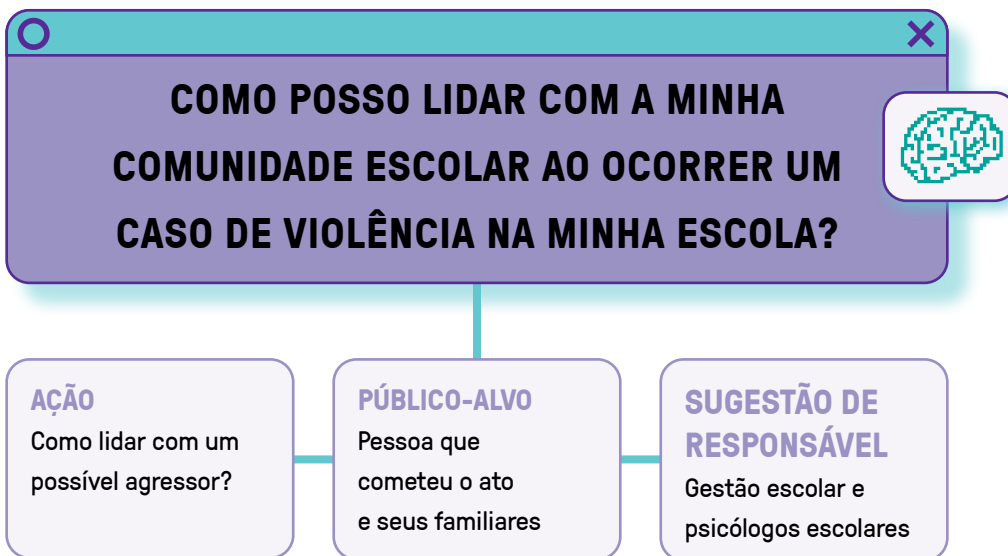
Em todas as cidades, existem diversos espaços dedicados a atendimentos, de linhas e valores diferentes. Busque bons profissionais para criar essa lista para a sua comunidade.



Independentemente de os casos serem fatais ou não, é importante fazer uma escuta específica das pessoas envolvidas diretamente no caso. Desde a própria vítima até familiares dela. Apesar da dificuldade dessa conversa, não pode ser deixada de lado.

Caso a escola sinta necessidade, outros agentes podem ser chamados para mediar e presenciar esse espaço. Desde profissionais da psicologia até profissionais vinculados ao Conselho Tutelar e Jurídico.

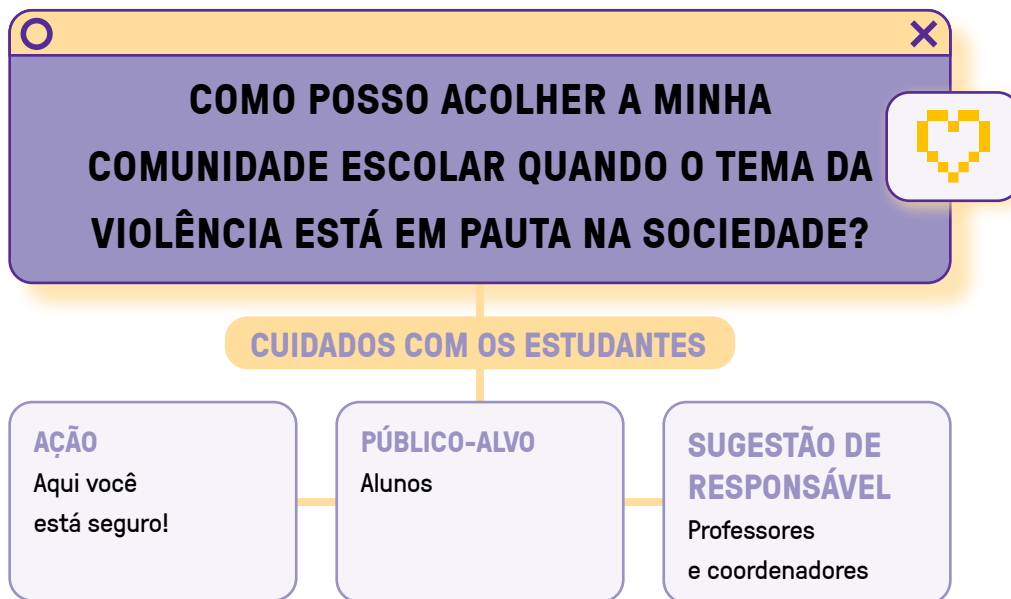
Essa escuta é institucional, com sentido de se responsabilizar institucionalmente por pensar em como será um atendimento mais prolongado de alguém que pode estar em extremo sofrimento físico e/ou mental. Mas convém reforçar que há um limite para esse acolhimento e, por isso, é interessante que a escola também saiba os possíveis profissionais que podem encaminhar a continuação desses cuidados. (Aqui, reforçamos que a escola deve ter uma lista de profissionais do setor privado e instituições públicas para que qualquer família tenha espaços para procurar, independentemente de suas condições financeiras).



Apesar da dificuldade, quando o agressor faz parte da comunidade escolar, não se pode ignorar por completo algum tipo de contorno para ele e sua respectiva família.

É importante ressaltar que cada caso é um caso, o que torna complexa uma recomendação tão generalista, mas seria impossível concluirmos esse bloco sem falar na relevância de uma ação voltada para essas pessoas, principalmente em relação a uma contenção de um possível linchamento da comunidade escolar na direção a elas .

Convém que as autoridades policiais e jurídicas sejam envolvidas e que o caso seja resolvido no seu devido lugar.



Vamos começar pelo básico?

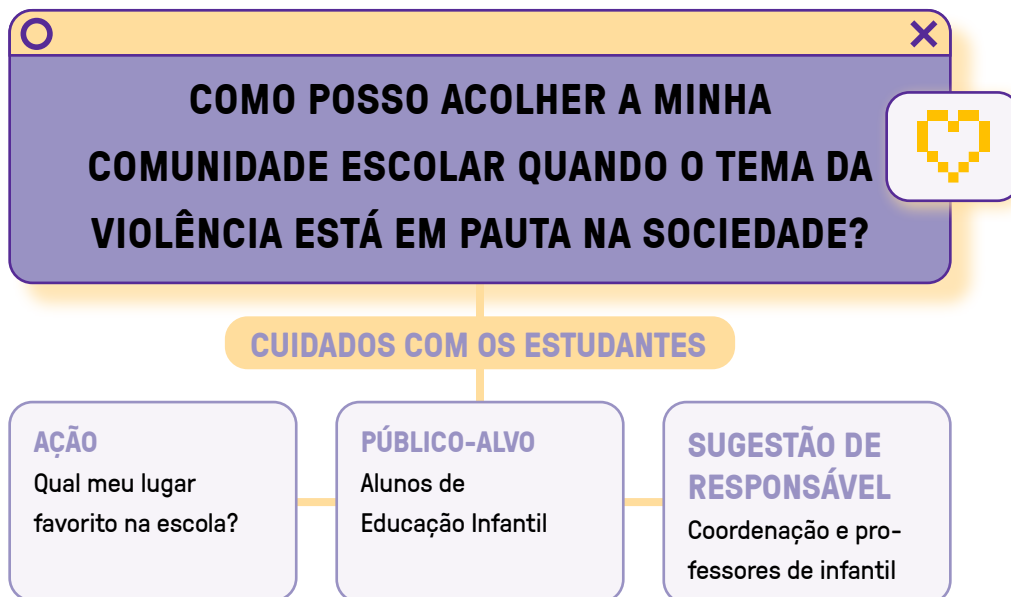
Será que as crianças conseguem reconhecer quem são as pessoas que elas podem procurar para qualquer coisa que estejam sentindo?

Às vezes achamos que sim, mas, se não falamos sobre isso, pode ser que esteja passando despercebido por vários alunos.

Será que a coordenação ou a equipe de psicologia (caso a escola tenha) são setores que os alunos entendem como espaços que podem bater na porta para falar sobre o que sentem? Ou costumam ser os espaços que eles têm mais medo? Pois, quando lá são chamados, já se sabe que é para levar bronca?

Essa pode ser uma conversa breve, adequada para cada faixa etária, mas também pode ser uma fala esclarecedora. A proposta é arranjar algum horário na grade curricular para entrar nas salas de aula e lembrar quem são as pessoas e os espaços que os alunos podem buscar quando estiverem precisando de alguma ajuda, escuta e acolhimento.

Sabemos aqui que os alunos também vão procurar outros ambientes porque segurança também tem a ver com uma percepção individual e subjetiva, mas essa conversa pode, inclusive, abrir para que reflitam que lugares e pessoas são essas dentro da comunidade escolar.



Estamos diante de uma situação onde não queremos antecipar conversas que talvez ainda não sejam do entendimento das crianças, pois sabemos que, do contrário, geraria mais pânico entre elas. Mas também sabemos que as crianças absorvem as informações e preocupações dos adultos e podem não conseguir expressar o que estão sentindo.

Dito isso, pensamos em propostas delicadas de como fazer essa abordagem com alunos tão pequenos e que podem ter captado (ou até não captado) informações e percepções diversas. Um caminho interessante pode ser a reflexão sobre o lugar dentro da escola de que eles mais gostam.

Você pode iniciar essa dinâmica fazendo um passeio pela escola, levando os alunos para observar os espaços que vão desde a porta até aquele canto onde tem os brinquedos, passando também pela cozinha, pelo refeitório e por outros espaços comuns. Ao retornar para o espaço onde a aula está acontecendo, convide cada aluno a desenhar a sua parte favorita da escola, peça para que façam um desenho bem caprichado para que todos possam reconhecer seus lugares escolhidos. Após os desenhos serem feitos, que tal formar duplas que tentem adivinhar o que o outro colega desenhou? Troque algumas vezes a dupla e depois abra para uma roda de conversa.



Na roda, faça perguntas como:

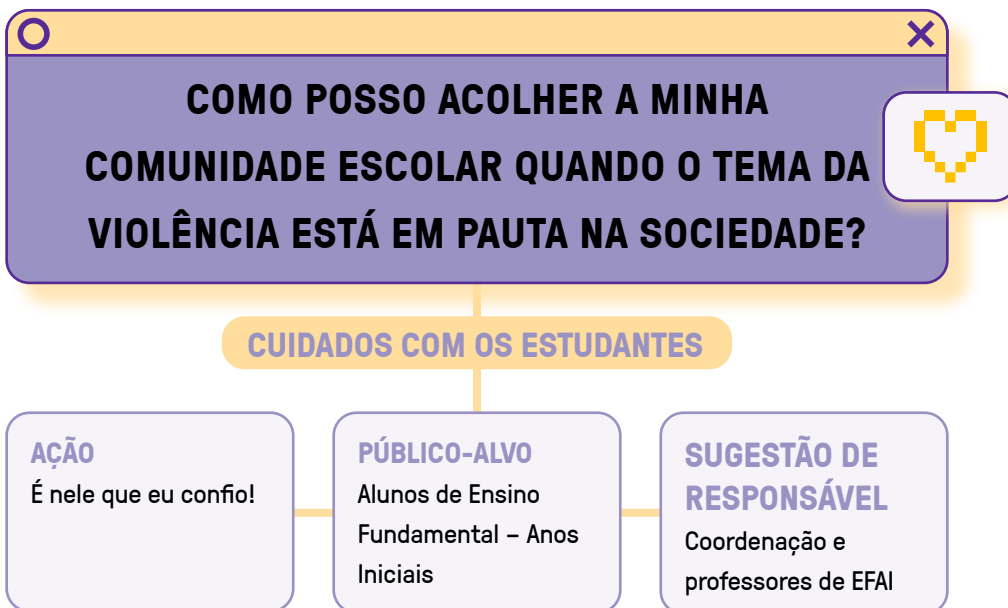
- De quais lugares vocês mais gostam dentro da escola?
- Do que vocês mais gostam de fazer nesses lugares?
- Tem algum lugar na escola que vocês não gostam? Por quê?
- No passeio que fizemos, você descobriu algum lugar que nunca tinham visto antes?

Durante a conversa, observe as respostas individuais das crianças. Nas entrelinhas do que é dito, pode aparecer algum ponto importante que precisa ser cuidado individualmente. Esteja atento para associações ao medo, por exemplo, que podem nos indicar que, para alguma criança, esse espaço não está trazendo a segurança necessária.

Além disso, observe também as crianças que possam estar mais quietas que o normal. O não dito também pode ser um sinal importante que precisa ser cuidado.

Caso você perceba alguma situação que chame a atenção, cuide de maneira mais individual, junto a coordenação, setor de psicologia e família do aluno.

Feche a roda de conversa valorizando o espaço escolar, lembrando que é um lugar para que todos possam se encontrar, brincar e aprender juntos.



Com os alunos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, também acreditamos que não precisamos antecipar um tema que eles ainda podem estar sendo poupados. Mas sabemos que, quanto mais velhos, mais entendimento eles têm sobre as conversas que ouvem e as mudanças de rotina dentro da escola. Não passa despercebida uma possível mudança de protocolo na entrada e na saída ou em parte de um papo que pode ter ouvido em casa ou nos noticiários.

Entendendo o desenvolvimento de sua maturidade, sugerimos que essa temática seja abordada a partir da perspectiva de confiança, e nossa proposta é que os alunos possam reconhecer na escola quem são as pessoas em que eles mais confiam. Esse exercício pode ser bom para que também passem a perceber quem são as pessoas com que podem falar algo quando estiverem com alguma dúvida ou mesmo com medo.

Comece essa atividade sugerindo que eles reflitam sobre como costuma ser a jornada deles na escola. Resgatem o caminho que costumam fazer desde a hora que chegam, andam até a sala, passam na hora do recreio, vão na hora do almoço... Depois desse primeiro momento, peça para que tentem lembrar quem são as pessoas que costumam estar nesses lugares, os professores, inspetores, agentes da limpeza etc.



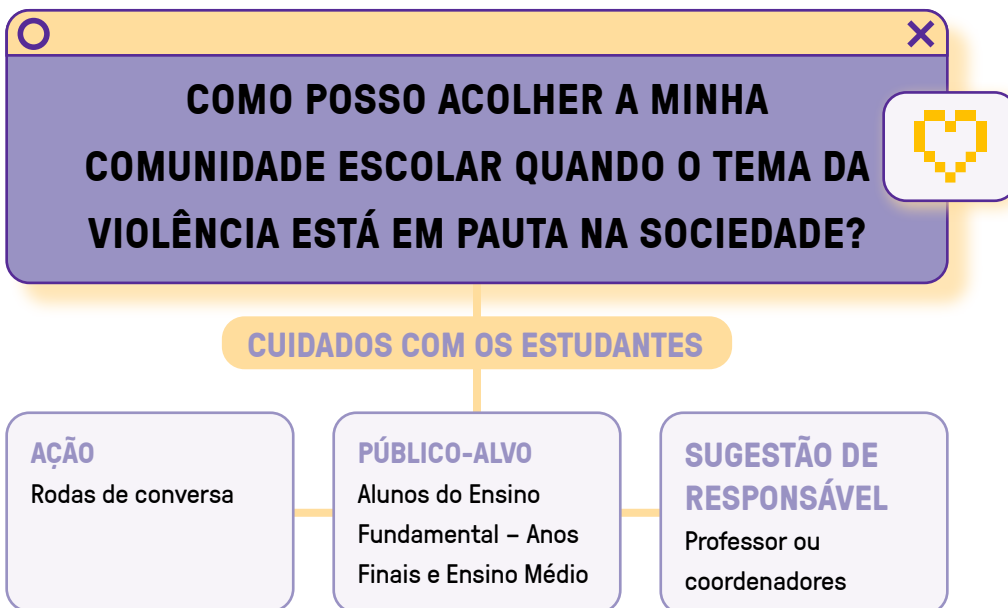
Agora, pergunte para eles: em quem dessas pessoas vocês mais confiam? (caso seus alunos não consigam compreender o conceito de confiança, explique um pouco o que seria confiar em alguém).

Após conversarem um pouco sobre quem são essas pessoas, que tal cada um fazer um desenho ou escrever um bilhete para que possam entregar para quem eles pensaram? Dê um tempo para que façam suas produções e depois circule pela escola para fazer as entregas.

Esse movimento é importante para o reconhecimento das crianças de quem são as pessoas que podem buscar, mas também ajuda a comunidade escolar a tangibilizar quem são as figuras das escolas que são reconhecidas em um lugar de cuidado pelos alunos.

Essas pessoas podem ser figuras fundamentais no momento que estamos vivendo e é preciso também valorizá-las. Além disso, essa atividade permite que os alunos identifiquem a escola como um espaço de confiança.



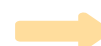


Propomos a seguinte dinâmica para os alunos mais velhos, em que o principal foco é a escuta e o acolhimento dos sentimentos desses em relação ao que tem sido vivido nos últimos tempos.

Separe as cadeiras em círculos, garantindo que todos consigam se ver. Explique que a atividade se chama “círculo da confiança”, em que um mediador faz uma pergunta ou provocação e os demais são convidados a compartilhar seus sentimentos. Essa atividade visa criar um espaço seguro de troca, logo, a participação não é obrigatória; só compartilha quem se sentir confortável. Só pode falar quem estiver com o “objeto de fala”; os demais devem escutar ativamente e não devem oferecer conselhos ao final de uma contribuição.

Mas como essa atividade funciona na prática?

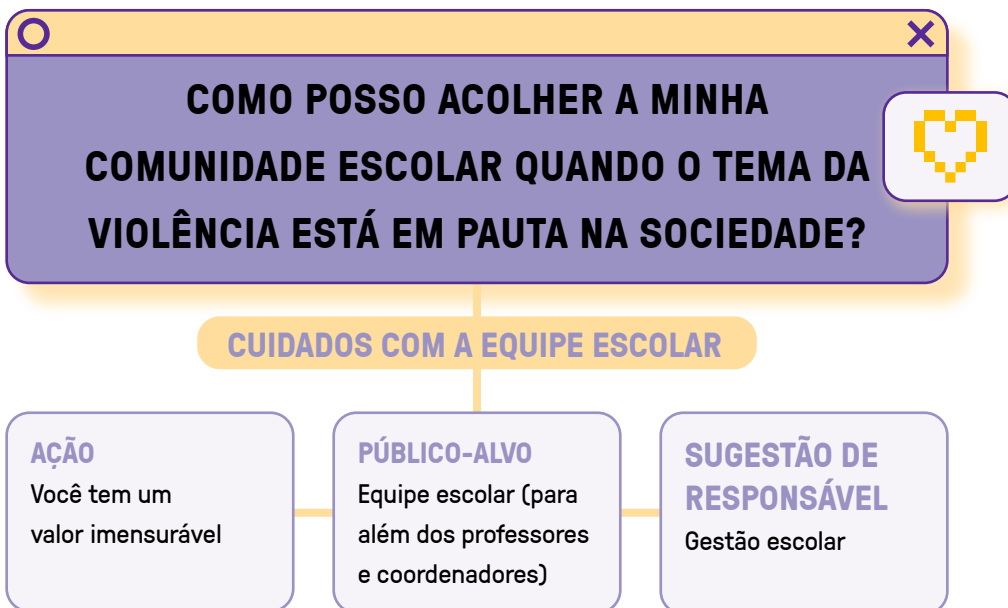
A pessoa que for conduzir o círculo deve fazer uma provocação e passar o objeto de fala para o aluno que irá começar a atividade. Após compartilhar a sua resposta, essa pessoa deve passar o objeto para o colega ao lado, que será o próximo a participar. Uma rodada do círculo da confiança termina quando o objeto tiver perpassado todos os presentes. Pode-se fazer quantas rodadas quiser, dependendo do tempo disponível e do engajamento da equipe.



Explique que essa dinâmica não é para expor ninguém (já que a resposta não é obrigatória) e, sim, para convidar os alunos a se atentarem para a conexão e a escuta do grupo, que serão ainda mais importantes a partir de agora.

Sugestões de perguntas para os alunos:

- Qual a sua atividade ou lugar preferido na escola?
- Com quem da escola você sente que pode contar?
- Como você tem se sentido ao chegar na escola?

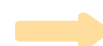


Se você fizer uma pesquisa rápida sobre como os alunos estão se manifestando no Twitter sobre os recentes acontecimentos, veremos muita informação interessante para nosso entendimento. Algo que nos chamou a atenção foi que, na forma deles de se expressar, eles colocam inspetores e porteiros como os grandes responsáveis por nunca deixar que nenhum possível ataque aconteça em suas escolas. Isso chama a atenção positivamente porque demonstra o quanto os alunos confiam suas vidas nessas pessoas.

Com essa ação, pensamos na importância de valorizarmos esses indivíduos, especialmente em um momento sensível como o que estamos vivendo.

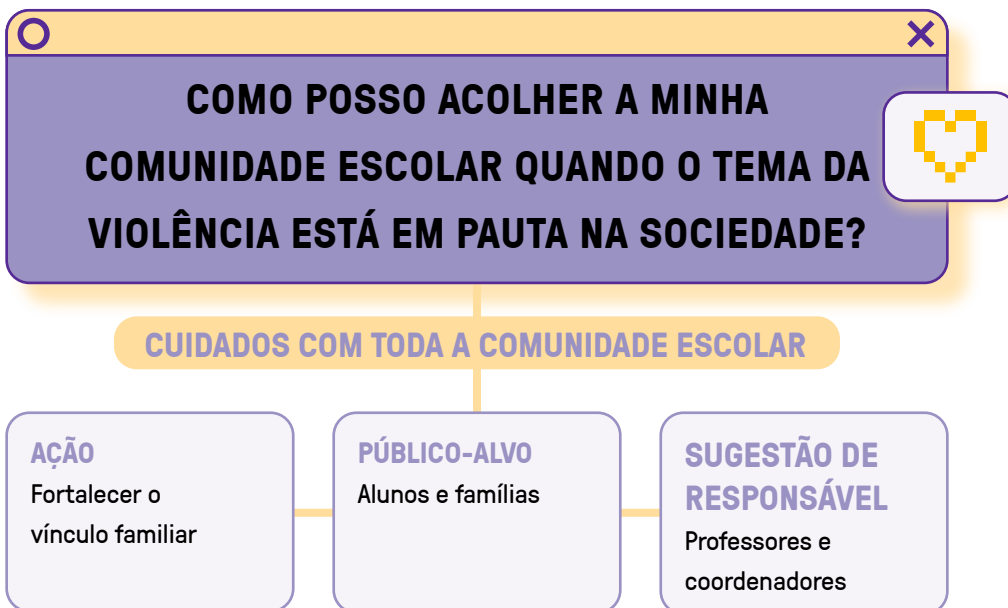
As pessoas que ficam na porta da escola, nos corredores, cuidando do recreio, são peças fundamentais para manter um clima escolar seguro e harmônico.

Comece recolhendo alguns relatos dos alunos sobre essas pessoas. Pode ser em forma de vídeo, de carta ou de desenho. Depois, junte todas essas pessoas em algum espaço.



Primeiro escute-os, pergunte como eles estão se sentindo nesse momento. Após uma rodada de relatos, converse sobre o quanto eles são peças fundamentais no ambiente escolar, que seus olhares atentos e sensibilidade podem ser transformadores. Um bom-dia bem dado na porta da escola pode ser transformador para alguns alunos, por exemplo. É um momento de evidenciar que eles também são educadores e que, muitas vezes, podem ser os primeiros a identificar situações importantes a serem cuidadas. Cuide para que seu discurso não reforce uma perspectiva controladora. Estar atento não significa pesar a mão no controle nem na paranoia. O convite é que eles sejam aliados no reconhecimento de comportamentos que pedem um cuidado especial, seja um aluno que anda muito isolado, outro que tenha um comportamento constantemente agressivo ou como andam as chegadas dos alunos na escola e as possíveis despedidas dos responsáveis.

Após esse momento de troca, compartilhe os relatos dos alunos. Sabemos que nenhum discurso ou conversa é mais valioso que o próprio reconhecimento deles.



Sabemos que, nos tempos de hoje, muitas famílias (principalmente de adolescentes) têm uma enorme dificuldade de construir uma relação com seus filhos. Seja pela diferença geracional, pelo excessivo tempo que as famílias precisam trabalhar, pela distância de linguagem, pelo aumento do uso das tecnologias ou por tudo isso e muito mais, temos ouvido cada vez mais relatos das crianças dentro de seus quartos (não necessariamente literal) e das famílias com muita dificuldade de adentrar este espaço.

Também sabemos que o papel da escola tem se alargado cada vez mais. Além do cuidado com a aprendizagem e a formação integral, também estamos atuando na mediação relacional das famílias, e isso dá um enorme trabalho.

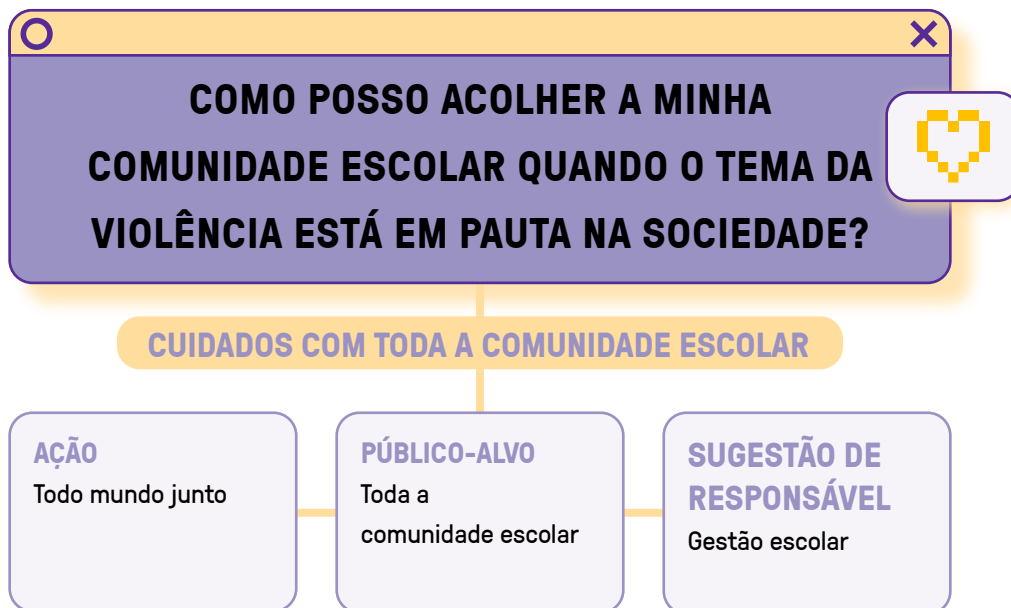
Nessa perspectiva, o principal objetivo dessa ação é que possamos estimular a reaproximação desses vínculos familiares, pois sabemos que muito do que estamos vivendo poderia ser evitado se as relações familiares estivessem mais asseguradas. Se as famílias estivessem enxergando os grupos que os filhos estão se vinculando, os jogos que estão jogando, os aplicativos que estão consumindo e as relações que estão estabelecendo. E que essas mesmas famílias pudessem propor outras espaços a serem ocupados.



Aqui abrimos um parêntese porque sabemos que não é um papel só familiar, e, sim, de política pública. É importante reiterar que muitas famílias não têm condições financeiras, de tempo e de conhecimento para oportunizar certas experiências para seus filhos. Por isso, a luta também é política.

Nesse sentido, que tal a escola ser promotora de algumas ideias que possam ser executadas pelas famílias com seus respectivos filhos?

Peça que cada professor e/ou coordenação faça uma lista de atividades que possam ser feitas em família. Podem ser filmes a ser vistos juntos, passeios da sua cidade, atividades em casa e jogos coletivos. Envie na ferramenta que você costuma usar para se comunicar com as famílias, seja agenda ou aplicativo e estimule que eles compartilhem como foi a experiência vivida. Seja em formato de foto ou em relatos escritos.

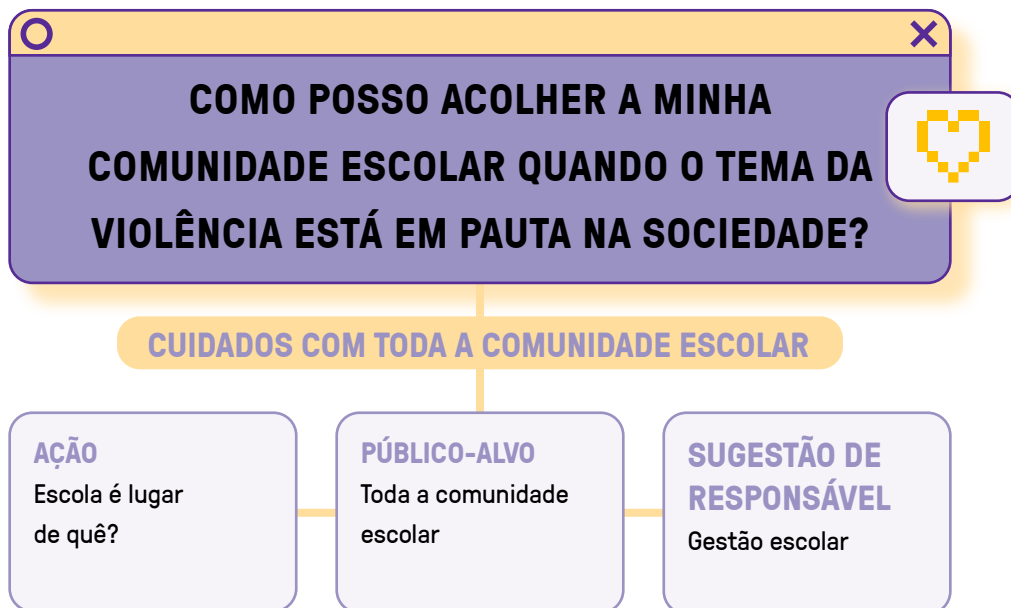


Como um possível antídoto do sentimento que estamos vivendo de medo e insegurança, sugerimos o caminho da convivência, e não do controle. Mais do que ações pensando nos alunos e nos funcionários, essa também pode ser uma boa hora para reforçar a importância de toda a comunidade escolar.

É hora de fortalecer o chão da escola como um espaço potente, cheio de diversidade e acolhedor. A proposta dessa ação é que cada escola possa pensar em eventos que fazem sentido para sua política pedagógica, desde que seja “todo mundo junto” e que o intuito seja de reacender a chama de vida e alegria que esse espaço sempre protagonizou.

Um sarau, por exemplo, pode ser um caminho interessante para que todos possam expressar suas artes e potencialidades e mostrar a escola como esse terreno fértil de criatividade.

Outras sugestões são: feira de conhecimento (onde cada aluno escolhe um tema e faz um grande encontro de troca de saberes), feira literária (com espaços de contação de histórias, troca de livros, atividade relacionadas às narrativas etc.), dia da convivência (transformar a escola em um espaço com várias atividades de interação, desde jogos até um espaço comum de alimentação para que as pessoas possam sentar e conversar).

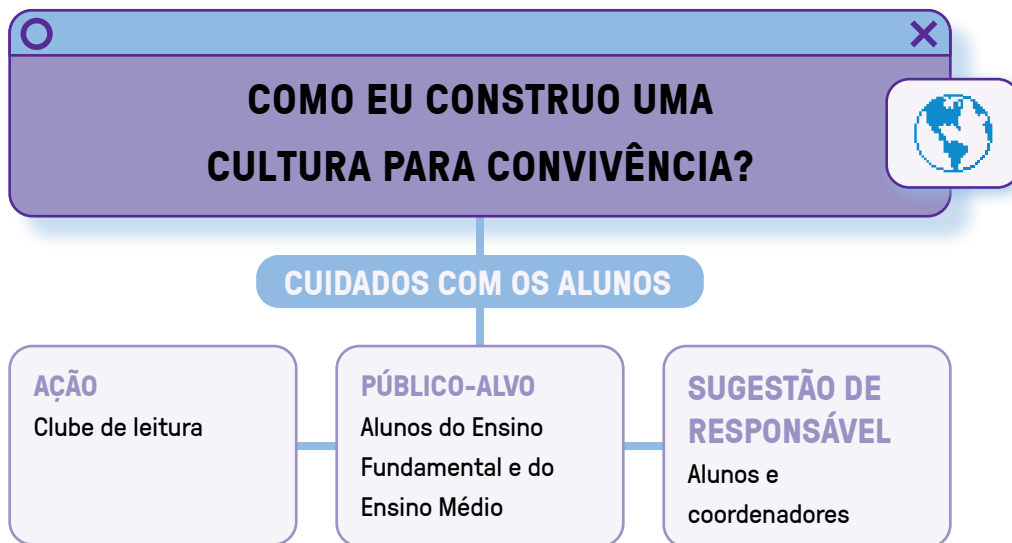


Os acontecimentos de violência que ocorreram nas escolas nos últimos meses surpreenderam a todos. Agressividade e intolerância deixaram marcas nesse espaço tão importante na sociedade. A comunidade escolar está vivendo dias de medo e incerteza.

Nós, do LIV, enxergamos que a escola vai além do conteúdo de sala de aula. É nela que somos apresentados a um universo de novas experiências, que vão ajudar a formar quem somos. A atividade que queremos propor aqui é um convite para que sua comunidade escolar possa responder a “Escola é lugar de quê?”.

Sugerimos que você separe um mural, de preferência aquele que muitas pessoas passam, e escreva essa grande pergunta nele. Depois disso, é só convidar a sua comunidade escolar a responder. Estimule pessoas diversas, de alunos à profissionais da administração, a resgatarem quais são as principais palavras que eles associam a esse espaço. Essas respostas podem ser dadas através de Post-it, folhas coloridas e até desenho. O que importa é que ele esteja recheado de sentimentos e resgates do que realmente cabe dentro desse espaço.





Que tal estimular a formação de clubes de leitura na sua escola? Os professores ou a coordenação podem ficar responsáveis por mediar a atividade e quem sabe ajudar os alunos a se organizarem, combinando um calendário de datas e obras para debates. Outro caminho que pode ser mais orgânico e que estimula o protagonismo dos estudantes é fixar uma lista em algum espaço da escola de alta circulação em que os interessados anotem seus nomes para formar esse grupo e de maneira autônoma. Eles também podem se organizar e escolher as obras.

A seguir, selecionamos um conjunto de livros que podem compor essa lista de leituras que nos ajudam a trabalhar a temática da convivência.



**Ernesto**

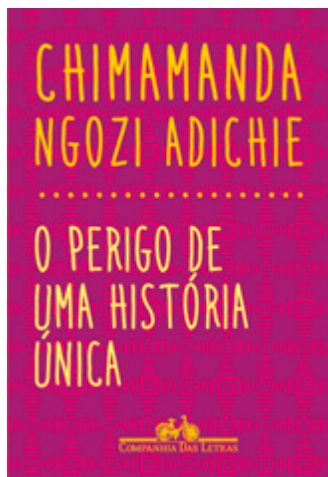
Blandina Franco  
Ilustrações de José Carlos Lollo  
Companhia das Letrinhas



**Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser**

Lázaro Ramos  
Ilustrações de Ana Maria Sena  
Carochinha Editora





**O perigo de uma história única**

Chimamanda Ngozi Adichie  
Companhia das Letras



**Pequeno manual antirracista**

Djamila Ribeiro  
Companhia das Letras



**A macaquinha**

Marta Altés  
Brinque-book



**Diário de um banana**

Jeff Kinney  
VR Editora



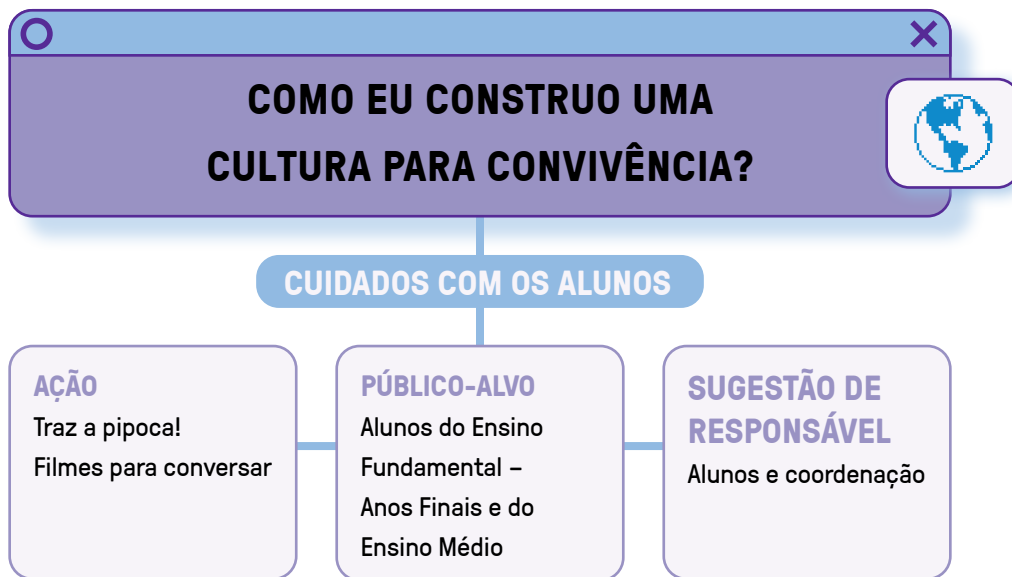
**Por lugares incríveis**

Jennifer Niven  
Seguinte



**Ideias para adiar o fim do mundo**

Ailton Krenak  
Companhia das Letras



Essa atividade é voltada para os estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais e do Ensino Médio. A coordenação fixaria uma folha em algum espaço de circulação dos alunos; assim, os alunos interessados poderiam se inscrever no clube de cinema. Os alunos poderiam se organizar livremente em termos de horário, frequência e quais filmes assistir. Quem sabe os alunos poderiam escolher um professor de uma disciplina associada ao tema do filme para ajudar a debatê-lo? Além disso, seria interessante que a escola possibilitasse que os alunos levassem pipocas ou outros lanches para esse momento.

A seguir, sugerimos uma lista de filmes que são interessantes para trabalhar com o tema da convivência e do respeito.



**Soul**



**Viva – a vida é uma festa**

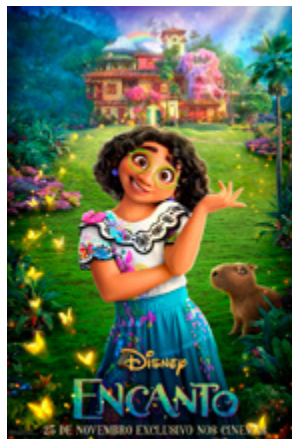


**Zootopia**





**Red**



**Encanto**



**Monstros S.A.**



**Homem-aranha:  
sem volta para casa**



**O fantástico  
Sr. Raposo**



**Meu amigo Totoro**



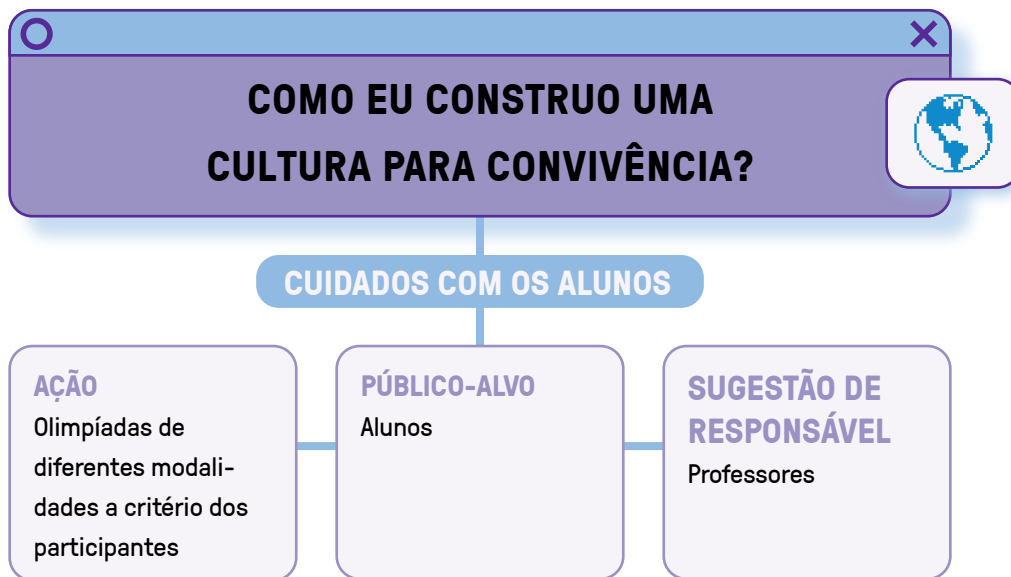
**Hugo Cabret**



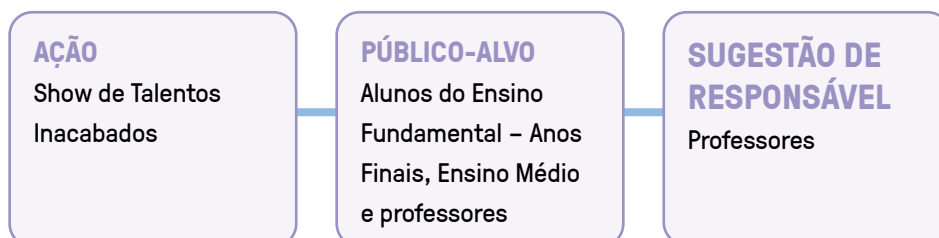
**O menino do  
pijama listrado**



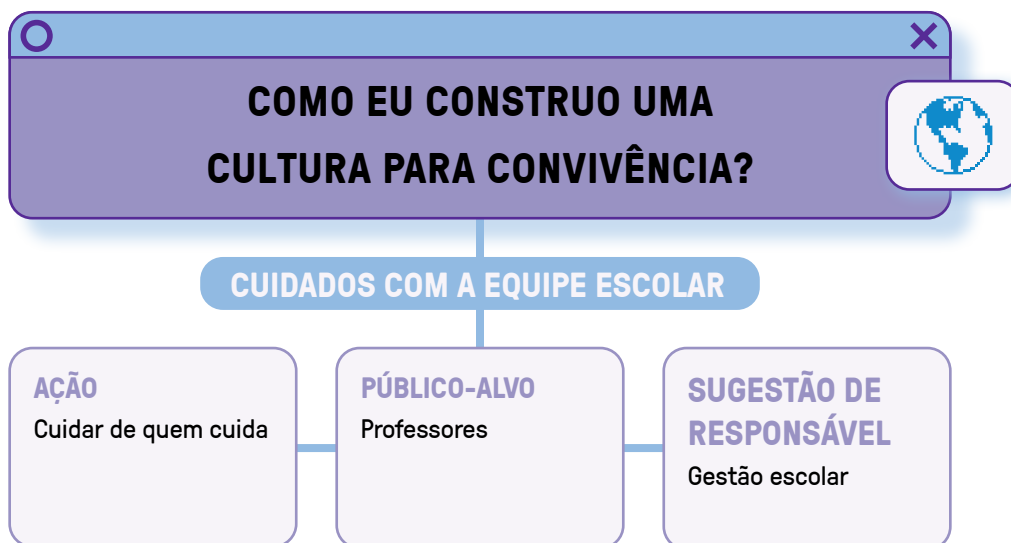
**Green book**



A atividade é voltada para todos os alunos. Os professores de educação física de cada segmento podem refletir com os alunos quais modalidades eles gostariam de incluir nas Olimpíadas da escola para além de esportes mais conhecidos, como futebol, handebol, corrida... Algumas sugestões: competição de jogos de videogame, competição de damas e xadrez, vôlei sentado, karaokê, competição de habilidades inusitadas (por exemplo: colocar o pé na cabeça) etc.



A atividade é voltada para os estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais e do Ensino Médio e os professores. Com uns dois meses de antecedência, a escola pode tentar se articular para organizar um show de talentos inacabados, em que estudantes e professores podem apresentar seus *hobbies* e interesses. Na hora de convidar a comunidade escolar a participar desse momento, é importante evidenciar que o mais importante é a possibilidade de se divertirem juntos, de mostrarem atividades de que gostem e se identifiquem, e não necessariamente se preocupar com uma performance perfeita. Quem sabe nesse show os alunos podem conhecer mais uns aos outros e descobrir que possuem pontos em comum.



Propomos uma dinâmica presente no material do Ensino Fundamental – Anos Finais e do Ensino Médio para os professores, em que o principal foco é a escuta e o acolhimento do que está sendo vivido em sala de aula e na relação com as famílias.

Para executar essa proposta, é importante escolher um mediador, alguém que seja referência para todos, quem sabe alguém da gestão. É necessário separar as cadeiras em círculos, garantindo que todos consigam se ver. O mediador deve explicar que a atividade se chama “círculo da confiança”, em que se faz uma pergunta ou provocação e os demais são convidados a compartilhar seus sentimentos. Essa atividade visa criar um espaço seguro de troca; logo, a participação não é obrigatória; só compartilha quem se sentir confortável. Só pode falar quem estiver com o “objeto de fala”; os demais devem escutar ativamente e não devem oferecer conselhos ao final de uma contribuição. O “objeto de fala” pode ser qualquer objeto que seja significativo para a equipe.

Mas como essa atividade funciona na prática?

O mediador deve fazer uma provocação e passar o “objeto de fala” para o professor, que irá começar a atividade. Após compartilhar a sua resposta, essa pessoa deve passar adiante o objeto para o professor, que será o próximo a falar. Uma rodada do círculo da confiança termina quando o “objeto de fala” tiver passado por todos os presentes. Pode-se fazer quantas rodadas quiser, dependendo do tempo disponível e do engajamento da equipe.

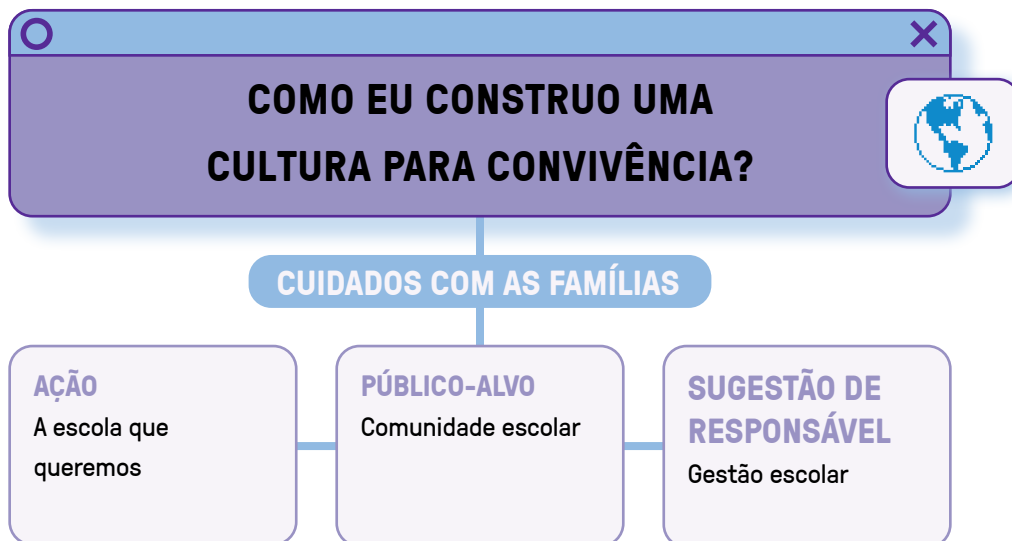


Explique que essa dinâmica não é para expor ninguém (já que a resposta não é obrigatória) e, sim, para convidar os professores a se atentarem para a escuta ativa, que será ainda mais importante a partir de agora.

A seguir, estão sugestões de perguntas para as rodadas do círculo da confiança:

- Quais são os desafios que temos enfrentado em relação à convivência no ambiente escolar?
- Como estão as relações na escola?
- Que ações de cuidado podemos estabelecer uns com os outros?

Após esse momento coletivo de troca, sugerimos uma reflexão individual: convide os seus funcionários a criarem uma lista do que pode ser feito para criar um clima mais favorável às relações na escola. Depois desse momento de criação individual, convide os funcionários que se sentirem à vontade para compartilhar suas reflexões.



A forma como nos relacionamos com a sociedade é sempre desafiadora, e a escola não fica de fora disso. Ao longo de nossa vida, procuramos afirmar a nossa identidade das mais variadas formas, desde roupas até o gosto musical, mas como viver num mundo de pluralidades de ideias respeitando as diferenças?

Para essa reflexão, iremos estimular a participação da comunidade escolar na compreensão de como os nossos atos compõem também a totalidade dos fatos do mundo. Assim, prepare um espaço para a pintura ou o desenho coletivo. Pode ser uma parede (que pode ficar como relicário desta vivência) ou outro espaço amplo que permita que todos participem da construção de um grande mural. A construção desse mural pode ser realizada em alguma festividade da escola que reúna educadores, alunos e seus familiares ou ainda no dia a dia em um espaço em que toda a comunidade escolar tenha acesso.

Faça um desenho inicial para aos poucos ser completado. Por exemplo: uma pequena casa – os demais poderão desenhar uma árvore, um rio, pássaros, flores –, de modo que cada pessoa complete o desenho. A proposta dessa atividade é que todos possam se sentir parte dessa escola e também que de maneira colaborativa possam criar novos caminhos para ela. Se possível, selecione um mural ou corredor e deixe disponíveis um cartaz e um Pilot para que toda a comunidade escolar coloque seus desejos para a escola em 2023.





## REFERÊNCIAS

CAMPANA, Maurício [entrevistador]. NEONAZISMO nas escolas brasileiras e os caminhos para impedir atentados. *Podcast Café da Manhã*. Entrevista com Daniel Cara [26 dez. 2022]. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6jXUxnzmyxARaMK04IbcCn>.

CARA, D. et. al. Extremismo de direita: ataques em escolas e alternativas para ação governamental. *Relatório de Transição* [dez. 2022]. Disponível em: [https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio\\_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental\\_RelatorioTransicao\\_2022\\_12\\_11.pdf](https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf).

MACHADO, Adriana Marcondes; FONSECA, Paula Fontana. Violência nas escolas: reflexões. *Periscópio* [10 abr. 2023]. Disponível em: [https://sites.usp.br/psicosp/violencia-as-escolas-reflexoes/?fbclid=PAAaZaMzrkSjtCSpVLiODeU8pvNFRDeeF\\_cbz-bT12v4TggDKN\\_\\_9abxXMc\\_rc](https://sites.usp.br/psicosp/violencia-as-escolas-reflexoes/?fbclid=PAAaZaMzrkSjtCSpVLiODeU8pvNFRDeeF_cbz-bT12v4TggDKN__9abxXMc_rc).

NERY, Natuza. A explosão de violência dentro das escolas. *Podcast O Assunto*. Entrevista com Talma Vina [30 mar. 2023]. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/>.

VELOSO, Natália; PIMENTEL, Juliana. Brasil teve 5 ataques com mortes em escolas em 2022 e 2023... *Poder360* [5 abr. 2023]. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/educacao/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023>.

BARROS, Ana Clara. Conheça as causas da violência na escola e as formas de combatê-la. Luma [30 ago. 2022]. Disponível em: <https://lumaensino.com.br/blog/comportamento-infantil/2022/08/30/violencia-na-escola-causas-como-combate-la/>

# QUERO LIV!

**AINDA NÃO TEM LIV NA SUA ESCOLA? PEÇA AGORA! [CLIQUE AQUI](#), E ENTRAREMOS EM CONTATO!**

## Obrigado pela leitura!

Este material foi produzido pelo LIV - Laboratório Inteligência de Vida, programa de educação socioemocional que atua junto a mais de 600 escolas no Brasil, criando espaços de fala e escuta para ampliar a compreensão de si, dos outros e do mundo. Você pode compartilhar este conteúdo de forma gratuita, na íntegra ou parcialmente, sempre citando a referência dos criadores.

## ACESSE AS NOSSAS REDES SOCIAIS:



[WWW.INTELENCIADEVIDA.COM.BR](http://WWW.INTELENCIADEVIDA.COM.BR)

L I V

laboratório  
inteligência  
de vida